

GT. 11 – ENSINO DE FILOSOFIA, SOCIOLOGIA E GEOGRAFIA

O ENSINO EM GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS.

CHAVES, José Ilânio

Graduando do Curso de Geografia UERN – CAMEAM
ilanio_chaves@hotmail.com

CARVALHO, Ronaldo Valentim

Graduando do Curso de Geografia UERN – CAMEAM
ronaldo.saomiguel@hotmail.com

ANDRADE, Francisca Gilcileide

Graduanda do Curso de Geografia UERN – CAMEAM
gil-andrade@hotmail.com.br

CAMPOS, Maria Alcicleide Ferreira

Prof.^a - Especialista UERN – CAMEAM
cleidegeo_15@hotmail.com

Resumo

Pretende-se com este artigo tecer algumas considerações sobre o papel assumido pelo ensino formativo nas instituições públicas de nosso país, principalmente a nível superior, área de capacitação dos sujeitos, frisando a relação indissociável entre teoria e prática, assim como a dicotomia existente entre ambas. A partir dessa abordagem, frisamos algumas práticas geográficas que são fundamentais para a formação do professor de Geografia, tendo em vista que esse mecanismo proporciona maior autonomia no tocante ao seu futuro atuar pedagógico. Sendo assim, é indispensável que os cursos de formação docente procurem envolver os alunos em todo o seu período formativo, para que sua prática pedagógica seja efetivada na reflexão das possibilidades e nos imperativos apreendidos a partir dos conhecimentos aos quais estão adquirindo e analisando.

Palavras chaves: Prática de ensino. Teoria. Formação docente.

Introdução

Atualmente o discurso referente à dicotomia existente entre teoria e prática vem ganhando espaço nas universidades. Mesmo sendo um processo de formação continuada, muitas vezes, o conhecimento teórico obtido na academia se defronta com a realização da prática, ou seja, nem tudo que é apreendido se consegue repassar no atuar profissional. É claro que a função de ambas também inclui suas formas de transmitir conhecimento, avaliação e sua metodologia de ensino, no entanto, as diferenças ficam a amostras apenas quando o contexto é posto em prática.

Pretende-se com este artigo tecer algumas considerações sobre o papel assumido pelo ensino nas instituições públicas de nosso país, principalmente a nível superior, área de

capacitação dos sujeitos. Pautamos o caráter fundamental da teoria na formação e solidificação do futuro profissional, já que a teoria fornece os pressupostos para que os indivíduos desenvolvam suas capacidades, possibilitando criticidade no desenvolver de suas ações. A partir dessa abordagem, frisamos algumas práticas geográficas que são fundamentais para a formação do professor de Geografia, tendo em vista que esse mecanismo proporciona maior autonomia no tocante ao seu futuro atuar pedagógico. Assim, a teoria é um subsídio fundamental para a consolidação da prática pedagógica, a qual influencia diretamente sobre determinada geração, uma vez que, o ensino é uma prática social heterogênea. O trabalho foi desenvolvido a partir de um levantamento bibliográfico e documental de trabalhos similares ao tema estudado e de referenciais norteadores. Mediante pesquisa sistemática, e leituras exploratórias procuramos estudar e caracterizar como ocorrem as relações entre a dimensão teórica e a dimensão prática nos cursos de formação de professores (com ênfase em Geografia) e identificar em que medida as práticas pedagógicas podem ajudar no desenvolvimento da dimensão eficiente no ensino da geografia escolar.

Teoria, prática e a reflexão sobre a formação do professor em Geografia

A formação docente se constitui uma questão de relevante importância e debate em uma perspectiva mais ampla da educação Brasileira. Este contexto vem sendo objeto de discussão nas reformas educacionais e ocupa um espaço de destaque no âmbito dos debates acadêmicos e das instituições científicas e profissionais. Nesse contexto Machado (1999, p. 95) discorre que

“A formação de professores é uma temática que, cada vez mais, ocupa um papel de destaque nas discussões político-educacionais, seja nas políticas públicas, seja nas corporações profissionais do magistério. Quase sempre vinculada à questão da melhoria da qualidade do ensino, apresenta-se como um dos importantes pilares das propostas de inovação curricular situando-se numa perspectiva transformadora da educação e do ensino.”

É no intuito de argumentar a favor desta problematização que refletimos sobre o papel de uma boa formação docente, a indissociabilidade entre teoria e prática e o papel colaborativo existente entre as instituições formadoras de professores e os espaços escolares. No fundante destes elementos encontra-se a reflexão sobre a formação docente em Geografia e o papel da teoria e da fundamentação geográfica para os ambientes de atuação profissional.

Nesta instância, o delinear discursório que se desenvolve a respeito da formação profissional parte em média, da pressuposição que é necessário dotar o sujeito de bases teóricas-técnicas para que assim possa engendrar um trabalho satisfatório, entendendo o que é

embasamento teórico, o que é prática e suas relações estabelecidas. A partir da ideia de Cavalcanti (2012, p.86), podemos elucidar que “a teoria, a boa teoria, traz explicações precisas da realidade educacional e, com isso, é capaz de oferecer orientações seguras para a prática”.

Na formação de professores no Brasil, perdura até hoje o modelo clássico 3 + 1 que organiza o currículo em dois conjuntos, um pautado nos estudos técnicos e o outro nos estudos didático-pedagógicos. No que diz respeito à formação de professores de Geografia tal prática não difere, nos primeiros anos do curso estuda-se a grade curricular de conteúdo, específico dos saberes geográficos. Nos últimos anos de curso, concentram-se as chamadas disciplinas pedagógicas, que orientam a formação para o exercício profissional, preparando tecnicamente o estudante para a aplicação prática de um instrumental básico do ofício do professor. (CAVALCANTI, 2012.p.87).

A formação dos professores é apontada como um dos responsáveis pelos problemas da educação, principalmente quando os cursos de formação têm temporalmente demonstrado falta de êxito e reforçado o estereótipo de que são separatistas das realidades escolares. “Cabe afirmar, todavia, que o momento atual, é de transição, marcado pela crise do modelo anterior e pela incerteza quanto aos novos paradigmas de formação docente”. (PONTUSCHKA, 2007, p. 92)

Na proposição de desconstruir o entendimento que as teorias determinam e decidem os projetos práticos, é necessário refletir a teoria e a prática como duas dimensões indissociáveis. Conforme evidenciado, a formação docente possui um princípio característico de interdependência, existencial na necessidade de se articular o saber adquirido com as práticas sociais, ou seja, precisa-se articular o conhecimento geográfico com o seu significado social e cotidiano. Sendo assim, é indispensável que os cursos de formação docente procurem envolver os alunos em todo o seu período formativo, para que sua prática pedagógica seja efetivada na reflexão das possibilidades e nos imperativos apreendidos a partir dos conhecimentos aos quais estão adquirindo e analisando. No ensino, a prática educativa deve ser encarada como um processo realizado por um sujeito social, que por sua vez é participante das relações sociais e singulares, por isso devem ser entendidos como simultaneamente teórico e práticos, já que é existencial, e espacial. Nesta mesma conjuntura, Freire (1996) já retratava que a experiência enquanto aluno é basilar para o exercício da docência, que se terá ou que se está tendo concomitantemente.

As escolas normalmente são os lugares onde as práticas educativas e o processo de ensino e aprendizagem ocorrem e se fazem presentes. Entretanto, é necessário desconstruir o

imaginário que a experiência educativa vivenciada no espaço acadêmico é treinamento técnico, encarada como utópica e idealizada, muito distante da realidade existente no âmbito escolar. Tal concepção, somente reforça a dicotomia existente entre teoria e prática, e amesquinha a reflexão sobre a fundamentação entre a alteridade de seu ideal caráter formador. Neste sentido, Nóvoa (1995, p.18) afirma que “Mais do que um lugar de aquisição de técnicas e conhecimentos, a formação de professores é o momento-chave da socialização e da configuração profissional”.

A expressão da contribuição da formação docente retratando o papel da teoria, deve funcionar como um crivo para entender a realidade a partir do contexto da prática autêntica, e ao mesmo tempo articulando-se a prática e questionando-as diuturnamente seu significado e eficiência. No tocante a formação docente em Geografia é preciso que se entenda o contexto escolar a partir da reflexão deliberativa e da pesquisa-ação, mediante a integração sistêmica entre atividade teórica com a atividade prática. Neste sentido, emergem as referências mais diretas que devem ser coligadas, os conhecimentos geográficos acadêmicos com o escolar. É no fracasso destas relações que existem as dificuldades e as críticas quanto ao ensino da Geografia tradicional, haja vista que as inovações da geografia acadêmica parecem não terem chegado às escolas. É necessário:

“Promover a articulação entre a geografia acadêmica e a geografia escolar, buscar formas de alimentação recíproca de uma pela outra são ações a serem realizadas pelos professores de geografia das escolas de educação básica no exercício da reflexão coletiva, na escola ou fora dela, que permite explicitar e sistematizar seu conhecimento da geografia escolar. (CAVALCANTI, 2012. p.93).”

Por sua vez, é preciso levar em conta que esta integração também possui a parcela colaborativa dos professores da geografia acadêmica de nível superior, este processo de construção permite desenvolver análises e conclusões da geografia acadêmica e escolar é e de suma importância na qualidade da formação docente. Assim, como referência para a realização da indissociação entre teoria e prática, é fundamental o intercâmbio entre as escolas e as universidades, ou seja, é preciso esta parceria mútua, esta participação ativa do saber intelectual e da realidade social.

É preciso alertar, contudo, que as relações entre as instituições formadoras de professores e as escolas não devem ser pensadas de forma linear, que seguem a lógica primariamente de conteúdo teórico e subsequente de domínio prático. Nesta direção, a teoria e a prática devem ser estabelecidas em intenso intercâmbio objetivando uma formação docente pela ação conjunta das instâncias. É no entendimento desta concepção que se proveria uma

permuta constante de conhecimentos e experiências, que permitiria uma problematização do conhecimento geográfico, e uma permanente construção e reconstrução de conhecimentos de significação social para o graduando neste campo de trabalho.

O efeito mais produtivo é a busca de superação dos impasses e das dificuldades identificadas nas práticas, em especial na geografia escolar. Neste aspecto, chama-se a atenção para a relevância do discente em formação participar ativamente tanto das discussões epistemológicas e ao mesmo tempo se defrontar com as experiências didáticas, intervindo neste processo, refletindo, construindo sua identidade profissional e identificando as mediações fundamentais para compor sua ação educativa e profissional. Neste sentido, a formação de professores não se satisfaz somente com o domínio teórico-técnico, é necessário ser partícipe na tomada de decisões e realizar procedimentos próprios ao exercício da geografia escolar cotidiana.

Com base nestes pressupostos, pensamos que tanto teoria quanto a prática possuem relevâncias iguais no processo formativo do professorado. Assim, os graduandos devem possuir a fundamentação teórica subsidiada de instrumentos que possam intervir na prática educacional. É trabalhando estas diferentes instâncias nos currículos dos cursos de formação de professores que obteremos uma visão geral da práxis pedagógica. Deste modo, corroboramos com Libâneo (1994, p.27) quando aponta que “A formação profissional do professor implica, pois, uma contínua interpenetração entre teoria e prática, a teoria vinculada aos problemas reais postos pela experiência prática e a ação prática orientada teoricamente”.

Práticas pedagógicas e sua importância na formação do professor de Geografia

No Brasil a busca pela superação de um modelo tradicional de ensino data de 1930, no chamado movimento da escola nova que busca implantar uma renovação no sistema educacional brasileiro, manifestando defesa em prol da escola pública, universal e gratuita que atendesse de forma igualitária todas as classes sociais. Em face dessas inquietações, entre 1950 e 1960 essa nova postura começava a ganhar no cenário nacional, principalmente com a criação do primeiro colégio de aplicação do Brasil no ano de 1948 no Rio de Janeiro, na então Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, que frisava pelo objetivo de aperfeiçoar a formação dos professores secundários, até então impregnadas por modelos arcaicos de ensino.

Apesar de ser uma instituição que se apresentava como inovadora e moderna, um verdadeiro campo experimental na formação de professores, não conseguiu disseminar seus

princípios para todas as instituições do país, ficando nos seus próprios atos aquém do que se esperava dessa instituição. Podemos apontar como principal entrave a essa nova filosofia a política totalitarista reinante no país, que renega grande parcela da população a seus direitos essenciais, dentre os quais podemos citar o ensino. O certo é que na virada do século XX, os intelectuais da educação começam a perceber a ineficácia da educação nacional, passando-os a buscar medidas urgentes para superar essa crise que é secular e se faz perspicaz em todas as partes do país. Assim, vivemos um período de dúvidas e incertezas quanto as formas adquiridas pela educação nacional, em que se faz presente a busca por inovação e solidificação do ensino em todos seus níveis sem renegar suas partes:

“Educar nessa sociedade é tarefa de partido, isto é, não educa realmente aquele que ignora o momento em que vive, aquele que pensa estar alheio ao conflito que o cerca. É “tarefa de partido” porque não é possível ao educador permanecer neutro: ou educa a favor dos privilégios da classe dominante ou contra eles, ou a favor das classes dominadas ou contra elas. Aquele que se diz neutro estará apenas servindo aos interesses dos mais fortes, isto é, à classe dominante. No centro, portanto, da questão pedagógica, situa-se a questão de poder. (GADOTTI, 1979 P.75).”

Ainda complementa Gadotti (1979, p.82), ao novo educador compete refazer a educação, reinventá-la, assegurar as condições objetivas para uma educação democrática que favoreça um novo tipo de pessoas, capazes de compor o novo projeto social e político em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Eis o papel da educação, criar alternativas que favoreça o desenvolvimento intelectual de todos os indivíduos, cabendo a estes profissionais, principalmente nesse momento de mudança reinventar na sua profissão “raspar a tinta com que nos pintaram para pensar nossa existência e refazer outras pinturas. A docência implica autoria, e requer sentimentos e emoções, ser - o que não é nada fácil – eu mesmo.” (KAERCHER, 2007 p.15-16).

Assim, pensar a influência dessas práticas pedagógicas (não somente na postura do professor em si, como também nos diversos recursos técnicos que o cerca), principalmente no ensino de geografia, uma área abrangente que envolve espaços múltiplos e permeia na complexidade da relação Homem/Meio, implica facilitar no entendimento das relações dialéticas que se (re) produz em seu meio geográfico. “Pensar na importância e na influência do espaço, na fisicidade das coisas e na geograficidade de nossa existência é uma das grandes contribuições que a geografia pode dar”. (KAERCHER, 2007 p.16).

Cabe ao professor de Geografia motivar o aluno e encarar os estudos como uma tarefa significativa e interessante, que seja capaz de mobilizar os saberes da experiência para criar

uma identidade profissional sólida que lhe permita usufruir com autonomia dos seus saberes, em estreita ligação com sua prática social:

“Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também de reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque preñes de saberes válidos às necessidades da realidade. (PIMENTA, 2009 p.19).”

Dessa forma, “o professor identificado com essa práxis é como o artista que sai de seu estúdio e vai ao encontro de sua verdadeira obra”. (CHAIGAR, 2005 p. 79). Contudo, um ensino de Geografia que se faça eficiente precisa constantemente da força do imaginário, que seja capaz de situá-lo de um plano local ao global, identificando seu lugar de vivência, mas também os dos outros. Assim, as linguagens constituem recursos didáticos que necessitam ser utilizado o mais rápido possível pelas e nas instituições escolares, pois por meio delas os horizontes do conhecimento se abrem para todos os envolvidos com suas funções, sendo um meio interessante para formulação crítica dos sujeitos, como para renovação do ensino-aprendizagem.

Sendo assim, a Geografia que prisma pelo registro e observação da relação sociedade e natureza, pode favorecer aos envolvidos no seu processo de ensino a leitura do mundo e a investigação de seus fatos por meio de diferentes recursos.

Os textos escritos aprofundam sua capacidade de análise e compreensão, favorecendo ganchos para a própria capacidade de se expressar, já que só nos adequamos na língua oral por meio do domínio e decodificação da língua escrita, sendo a finalidade da análise textual “aprender a ler, a familiarizar-se com os termos técnicos, os conceitos, as ideias e saber como elas se relacionam, assim como buscar hierarquizar o conteúdo do texto, identificar e acompanhar o raciocínio do autor, suas conclusões e as bases que as sustentam”. (PONTUSCHKA, [et. al.] 2009, p.221).

Outro fator importante é trabalhar com obras literárias, no caso da Geografia aproximando os alunos dos elementos presentes no meio e contido na obra abordada, para facilitar o entendimento daquilo que se trabalha e ampliar a visão dos alunos, pois mais que uma bela história a literatura pode fornecer ao aluno se situar em determinado espaço e investigar seus fatores. Vale ressaltar que, dependendo da região que os alunos estejam inseridos é importante voltar à leitura para suas características com obras regionais adequadas, pois além de possibilitar amadurecimento crítico, leva-o a conhecer sua própria realidade, permitindo assim, maior interesse para investigar outras realidades.

O uso de imagens diversas é outra fonte interessante para se trabalhar em Geografia, de vez que diante do avanço tecnológico e da enorme influência de informações disponibilizados pela mídia e redes de computadores, as pessoas se deparam constantemente com os acontecimentos mundiais, fator que alarga seus horizontes e influi na sua percepção de mundo.

Segundo Kaercher (2007, p.17-18) esses recursos ainda são pouco explorados pelos professores, pois:

“O trabalho com imagens em Geografia é tão importante quanto o trabalho com mapas, e ambos, geralmente, são poucos usados. Desde fotografias que mostram paisagens, que não sofreram ação dos humanos, até as que representam obras feitas por eles – como prédios, plantações, fábricas, favelas, meio de transporte, máquinas – todas podem ser interpretadas pela Geografia.”

Aos professores comprometidos com essas práticas muitas são as opções de trabalho, pois poderá o mesmo associar várias linguagens quando se trabalha com imagens, contribuindo com essa didática para uma aula interdisciplinar que permeia várias áreas do conhecimento sem perder o foco das características da sua abrangência. Sendo assim, podemos usar a linguagem cinematográfica (por meio de filmes variados para termos a real importância sobre algo concreto), as representações gráficas como desenhos, cartas mentais, maquetes, plantas e mapas para aproximarmos os alunos de uma realidade dada, e, a própria música para se trabalhar paisagens variadas, quando sabemos que a mesma vai além da nossa visão, sendo a nossa percepção uma das grandes formas de apreensão do espaço, podendo ser feito colagem e produção de charges, dentre outros mecanismos que podem ser utilizados. Essas atividades são fundamentais para o crescimento do interesse dos alunos, por permitir seu envolvimento com a construção do seu próprio conhecimento.

As aulas de campo é outro instrumento interessante quando se trabalha em Geografia, pois leva os alunos a reflexão das características locais e suas funções, abrindo seus horizontes para algo concreto, fator que desperta o interesse para o conteúdo trabalhado, como aponta Farina e Guadagnin (2007, p.111):

“Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo. Mas mais do que isto, atividades práticas fora do ambiente escolar são fundamentais no ensino de Geografia, pois permitem ao professor a apropriação de questões reais e de importância concreta para os alunos.”

Quando se trabalha uma temática dessa, o professor deve ter o cuidado de antes de expor o conteúdo apresentar aos alunos um problema prático que os levem a questionar

determinados fatores, reflitam sobre seus processos se deparando a todo tempo com as influências destes em sua vida, para que possa despertar seu interesse para os fenômenos abordados, tornando-os capazes de buscar as respostas para os fatos levantados.

Outro elemento importante que deve se aperfeiçoar no ensino de Geografia são os Estágios Supervisionados e sua prática de ensino, visto que não mantem um dialogo adequado com as escolas do ensino básico e pouco comprometimento no acompanhamento do estagiário, sendo esta atividade um momento fundamental para a formação dos discentes, o que para a grande maioria é o primeiro elo entre teoria e prática que permite aos futuros profissionais amadurecimento e senso crítico para o desenvolvimento de sua profissão.

Segundo Oliveira, (2010 p. 279) “uma prática de ensino, que seja realmente sólida, deve englobar não só o maior número possível de vivências específicas da sala de aula como, [...] as tarefas relacionadas a ela e que se manifestam de forma plena durante o desenrolar de todo o período letivo”.

Portanto, é nítida a importância de se trabalhar esses recursos no ensino como um todo, principalmente nesse período técnico científico informacional que vivenciamos, e em face da crise pela qual passa a educação nacional, que ainda não superou os modelos consagrados de ensino, pois essas práticas são fundamentais para atrair os alunos para uma produção sólida e reflexiva do conhecimento, desenvolvendo uma nova postura quanto as formas assumidas pelos profissionais do ensino de nosso país, como nos aponta Pontuschka (2009, p. 216) “cada uma dessas linguagens possui seus códigos e seus artifícios de representação, que precisam ser conhecidos por professores e alunos para maior compreensão daquelas a ser trabalhadas com conteúdos geográficos”.

Considerações finais

No ensino de geografia teoria e prática é a base para o desenvolvimento geográfico em seus vários aspectos, seja político, e social e cultural. É por meio da influência teórica que o que o professor obtém do meio social, determinados conhecimentos específicos, sejam eles empíricos ou científicos. Conferindo através de ações seguras capacidades de se recriar e impor características particulares frente a essa função multidisciplinar que a educação geográfica confere ao jogo social das experiências humanas.

Portanto, as instituições de ensino superior, espaço específico este, de formação da personalidade humana no meio social, deve ser vista em sua complexidade como um jogo dialético que também constitui a comunidade escolar, pois a mesma não se resume apenas na teoria, e sim na construção do conhecimento teórico e prático. Promovendo interação social e

aprofundamento da dinâmica de suas relações, já que a sociedade não é homogênea, sendo dever tanto da universidade quanto da escola obter-se dos interesses múltiplos adequados as particularidades e situações dos mais variados pressupostos teórico-práticos.

Referências

CAMPOS, F. N... [et. Al.]; Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 7º ed. – São Paulo: Cortez, 2009 p.15-32.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996 (Coleção Leitura).

GADOTTI, M. A Postura do Educador numa Sociedade em Conflito. In: _____ (org.). **Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito**. 10º ed. – Santa Catarina: Cortez, 1979. p.25-33.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

MACHADO, Ozeneide. Novas práxis educativas no ensino de ciências. In: CAPELLETI, Isabel; LIMA, Luiz (Orgs.). Formação de Educadores-pesquisas e estudos qualitativo. São Paulo: Olho d'água, 1999.

NÓVOA, António (Org.) **Os Professores e a sua formação**. Lisboa. Publicações Dom Quixote. 1995.

OLIVEIRA, A. U. A Prática de Ensino de Geografia na UERJ: uma proposta alternativa de formação de professores? In: _____; PONTUSCHKA, N. N. (Orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 3ª Ed.; 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010. p. 275-285.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T.I; CACETE, N. H. Representações e Linguagens no Ensino de Geografia. In: _____ (orgs.). **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3º ed. – São Paulo: Cortez, 2009 p.13-16.

_____. Textos Escritos. In: _____ (orgs.). **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3º ed. – São Paulo: Cortez, 2009 p. 219-287.

REGO, N; CASTROGIOVANNI, A. C; KAERCHER, N. A. Práticas Geográficas para Lerpensar o mundo, Converentendersar com o outro e Entenderscobrir a si mesmo. In: KAERCHER, N. A. (org.). **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007 p.15-33.

_____. Nossas Práticas, Nossos Desafios: um olhar por dentro de si. In: CHAIGAR, V. A. M. (org.). **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007 p.77-85.

_____. Atividades Práticas como Elementos de Motivação para a Aprendizagem em Geografia ou Aprendendo na Prática. In: FARINA, B. C; GUADAGNIN, F. (Orgs.). **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007 p.111-119.